

O TRABALHO COM PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA

Regina Maria de Oliveira Ribeiro Lima¹

Este texto apresenta parte da pesquisa em que investigamos como o trabalho com o patrimônio cultural de uma localidade favorece a aprendizagem de conceitos históricos ao exercer o papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem da História.

O objetivo é identificar e analisar a construção dos conceitos históricos a partir das representações das crianças sobre tempo, passado e história. Compreender como as crianças e adolescentes pensam e representam os conceitos históricos apresentados pela escola e por outros espaços sociais é uma questão fundamental para o trabalho docente e para a pesquisa.

Em todas as áreas de conhecimento, insere-se entre as preocupações de educadores e pesquisadores investigar como crianças e jovens aprendem conceitos científicos. Desta problematização decorre a de como se processa o desenvolvimento de habilidades e competências em determinada área ou modalidade de conhecimento trabalhada pela disciplina e quais as melhores formas de intervenção pedagógica para promover aprendizagem e desenvolvimento.

Diante destas questões, relacionamos outras que preocupam e instigam diretamente professores e pesquisadores do ensino de História. Como podemos caracterizar o processo de aprendizagem dos conceitos históricos em sala de aula? Como crianças e jovens se relacionam com os conceitos históricos e representam determinadas categorias do pensamento histórico? Quais as estratégias desenvolvidas pelos estudantes no desenvolvimento de idéias e representações acerca do conhecimento histórico?

O desafio proposto em nossa pesquisa é investigar o processo de aprendizagem histórica em diferentes contextos, partindo teoricamente da natureza do conhecimento histórico e da análise das idéias, representações e compreensões que as crianças enquanto

sujeitos aprendizes manifestam em e sobre a História². Para articular as questões que envolvem a construção do conhecimento histórico e analisar elementos do ensino e da aprendizagem histórica propomos uma investigação qualitativa destes processos a partir da realização de uma atividade com o patrimônio histórico-cultural da localidade onde vivem e estudam os sujeitos pesquisados.

1. Considerações sobre o ensino e aprendizagem da História

Os debates e pesquisas sobre as formas de *ensinar e aprender* História no ensino fundamental, apresentam problemas de três naturezas. A natureza da história a ser ensinada, seus conceitos, operações e habilidades; os de natureza metodológica, referentes ao “como fazer” e que freqüentemente se constitui na maior preocupação dos professores que atuam neste nível de ensino e a natureza da aprendizagem histórica, que se refere às especificidades desta aprendizagem, à construção do pensamento histórico em crianças, jovens e adultos, atentando para a lógica das estratégias de aprendizagem desenvolvidas pelos sujeitos. Na realização desta pesquisa, encontramos uma articulação complexa das questões acima mencionadas e que influenciam diretamente na construção do pensamento histórico pelas crianças.

O trabalho com a História no ensino fundamental orienta-se em propostas que apontam a necessidade de que os estudantes entrem em contato com múltiplas fontes históricas (escritas, orais, iconográficas e objetos da cultura material) objetivando a compreensão do processo de construção do conhecimento histórico. Mais do que o uso de fontes diversificadas trata-se da sua problematização.

A possibilidade de contato dos estudantes com o “método historiográfico” desenvolveria novas posturas e concepções frente ao conhecimento histórico, passando ao entendimento deste como uma construção social. O trabalho com as diversas manifestações e elementos incluídos na expressão *patrimônio cultural*³, apresenta-se como perspectiva para que o ensino de História potencialize aprendizagens significativas de crianças, jovens e adultos. Possibilita também que esse processo de fato atinja as finalidades da Educação e da própria disciplina, ao promover concretamente ações que ajudem os estudantes a

compreender e respeitar as diversidades históricas, étnicas e culturais regionais, nacionais e internacionais, ajudando na construção dos valores democráticos e da cidadania.

Quando nos referimos a uma educação para a cidadania, o patrimônio cultural destaca-se dentre os temas que a envolvem e, invariavelmente, apresenta-se como questão emergencial o problema da preservação dos bens culturais que o constituem.

Frente a estes problemas, precisamos considerar as especificidades dos bens considerados como “patrimônios”. Primeiro a de que os bens culturais são definidos como “patrimônio” por uma ação política do Estado que determina o que será preservado e como o será, produzindo com isto um conjunto de sentidos. Portanto, o que convencionamos socialmente como “patrimônio” é fruto de uma produção de sentidos que articula significados históricos, políticos, artísticos, culturais e identitários.

Não obstante, outros sentidos são construídos ao longo do tempo através das relações que os grupos sociais estabelecem com esses bens culturais, como diferentes grupos se apropriam do patrimônio, criando novas relações e sentidos diversos daqueles imaginados pelo Estado ou pelo grupo responsável pela preservação patrimonial.

Considerados como espaços da memória e do esquecimento, os bens que compõem o patrimônio cultural são espaços educadores da comunidade e da cidade, portanto devem ser apropriados pela comunidade escolar, que pode atribuir-lhes outros sentidos no processo de construção do conhecimento histórico.

Assim, temos como premissa que ao tomarmos o patrimônio histórico temos de fazê-lo como elemento da cultura material que articula dimensões materiais e simbólicas, possibilitando aprendizagens significativas, articulando presente e passado e rompendo com o “presentismo” e “a realidade espaço-temporal imediata” dos sujeitos, potencializando a manifestação de idéias, conceitos e representações sobre o passado e o conhecimento histórico.

E mais, o trabalho com o patrimônio cultural no ensino de História pode construir com os estudantes um novo conceito de preservação: o patrimônio como elo e continuidade

entre gerações, de quem todos os grupos sociais possam apropriar-se, através do conhecimento sobre a sua produção material e simbólica.

Temos, também, como perspectiva apontar possibilidades pedagógicas no ensino de História para o desenvolvimento da aprendizagem histórica com a ampliação de possibilidades de trabalho com o conhecimento histórico em sala de aula, para além dos registros escritos e imagéticos e dos conteúdos organizados nos livros didáticos, privilegiando o contato com fontes da cultura material local como registros de acontecimentos e práticas sociais. Em nosso entendimento, o patrimônio histórico-arquitetônico distingue-se das demais fontes históricas por se constituir em evidência concreta do cotidiano dos grupos sociais do passado, possuir elementos simbólicos representativos das relações sociais do período em que foi construído, se constituir em *topos* da memória, das sensibilidades, das emoções, ideologias e crenças, o que possibilitaria um trânsito interessante entre as dimensões individual e coletiva da história.

2. Objetivos e metodologia da pesquisa

Temos como objetivos nesse trabalho **analisar** as representações e conceitos das crianças sobre os conceitos históricos trabalhados em sala de aula, em especial as dimensões temporais – quais os sentidos e significados atribuídos, pelos estudantes, ao tempo, ao passado e à História. Pretendemos durante o processo de trabalho **identificar e analisar** idéias e representações, conceitos e habilidades potencializados pelo trabalho com patrimônio histórico bem como seu papel na construção de conceitos históricos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, elaboramos uma metodologia cujas referências teóricas estão nas propostas pedagógicas e pesquisas recentes sobre o ensino da História, nas teorias sobre desenvolvimento e aprendizagem pelas crianças de base sócio-interacionista e nas pesquisas sobre as especificidades da aprendizagem histórica⁴.

Nesse estudo, propomos alguns procedimentos inspirados na metodologia da pesquisa *etnográfica interpretativa*⁵. Para a pesquisa em Educação, a etnografia fornece instrumentos e princípios valiosos. O primeiro é o de que o pesquisador adentra o universo das relações de ensino e aprendizagem com a consciência de que se torna mais um

elemento destas, responsável por entendê-lo como “texto e contexto” no qual emergem acontecimentos complexos, que devem ser compreendidos mais do que descritos. A compreensão do pesquisador se constrói a partir do lugar que ocupa, da sua visão de mundo, do seu lugar sócio-histórico. Almeja-se como resultado, mais do que a precisão dos dados, a profundidade da reflexão e a participação ativa de pesquisador e pesquisados, que juntos produzem uma teia de sentidos para os eventos e fenômenos estudados.

Assim, propomos as seguintes etapas de pesquisa:

- **Observação participante** - o observador como participante permite a criação das fontes de dados, com o registro das ações e participação colaborativa, porém esporádica no contexto pesquisado, em nosso caso as aulas de História.
- **Formação de grupo referência para pesquisa** – grupo de alunos do primeiro ano, ciclo II do Ensino Fundamental, com diversidade etária, de gênero, etnia, comportamento e desempenho escolar
- **Proposição de atividades e entrevistas com os pesquisados** - as atividades envolvem a história e o patrimônio da localidade onde residem e estudam os sujeitos da pesquisa. Em todas as atividades estão sendo registradas as produções dos estudantes: falas, idéias, gestos, textos escritos, desenhos, conversas paralelas às exposições do professor, formas de interação entre as crianças, das crianças com a professora, das crianças com os materiais usados em aula, etc. Ao final das atividades serão realizadas entrevistas orais e através de questionários.
- **Produção de notas de campo** - as descrições de acontecimentos da aula, das atividades realizadas, transformados em dados, cujos elementos serão analisados como categorias e dimensões do processo de construção de conceitos históricos.

3. Momento atual da pesquisa: observação participante

A pesquisa é realizada com alunos do primeiro ano do Ciclo II do Ensino Fundamental de uma escola municipal da região leste da capital de São Paulo.

A escola está localizada na Vila Curuçá, distrito do bairro Itaim Paulista. A turma pesquisada possui 42 alunos entre 10 e 12 anos de idade. São ministradas quatro aulas de

História semanais, duas aulas às terças e às quintas feiras. A escola possui 13 salas de aulas, laboratório de informática, sala de leitura, duas quadras, pátio e refeitório. Em 2005, a escola completa 30 anos e foi elaborado um projeto em que todos os professores, funcionários, alunos propõem, desenvolvem e participam de atividades voltadas para comemorar o aniversário da unidade.

Entre maio e junho realizamos o trabalho de observação, em que a pesquisadora acompanhou o grupo de alunos durante as aulas de História.

Todos os alunos possuem e utilizam o livro didático de História. A professora trabalha em sala de aula seguindo a seqüência de conteúdos proposta pelo autor. Quando iniciei o acompanhamento das aulas a professora havia trabalhado com os temas: O que é história? Para que serve? Origem do homem: teorias criacionista e evolucionista. E começava a trabalhar os conceitos de tempo, definições de calendário, períodos históricos, linha do tempo.

A maioria das aulas é expositiva. Os temas foram trabalhados através de textos que os alunos copiaram da lousa ou do livro didático e questionários também propostos pelo livro. Após escrever o texto na lousa, a professora acompanha a cópia realizada pelos alunos, bem como a resolução das questões. Em algumas aulas a professora leva outros textos, digitados e reproduzidos para todos os alunos.

Alguns aspectos chamam a atenção e podem servir como elemento de análise nesta pesquisa. Um desses aspectos é o da representação positiva dos alunos em relação à professora e à disciplina. Em várias ocasiões as crianças manifestaram que aulas de História são as preferidas. Elas afirmam que não têm medo da matéria ou da professora, o que ocorre com outras disciplinas como matemática, português e ciências. Algumas crianças dizem não gostar muito da “matéria”, mas gostam da professora, devido a sua boa relação com elas.

Em relação à coleta de dados sobre conceitos históricos levantamos idéias e representações sobre o passado e a história, a partir da observação das aulas, das

interações das crianças com a professora e com os textos trabalhados, das interações entre as crianças e, em alguns momentos, dialogando ou apenas ouvindo suas conversas.

A partir de algumas dessas idéias quero fazer algumas considerações sobre a fórmula *História = passado, um tempo distante*. Esta idéia foi apresentada pelas crianças quando a professora realizou uma exposição dialogada sobre o conceito de tempo histórico e solicitou a sua definição, ao que as crianças responderam oralmente:

“Tempo histórico é um tempo bem antigo, bem longe de nós” (R. 11 anos)

“Os fósseis são vestígios históricos porque são antigos” (M. 11 anos)

“Nosso tempo não é histórico, porque nós temos relógio, sabemos as horas, os tempos de cada coisa”. (K. 11 anos)

As crianças manifestam um conceito de tempo baseado na idéia de **passagem** e o tempo histórico “passa” **distante** do presente. O tempo é algo que passa, por isso a imagem de tempo mais significativa é a do instrumento que mede essa passagem, o relógio. O Tempo é o relógio. Quando confrontados com os conceitos de tempo histórico, tempo cronológico, períodos, datas e séculos, as crianças passam a identificar tempo histórico, passado e história como “acontecimentos distantes no tempo”, algo antigo, que não existe mais, morto para o presente.

As crianças falaram ainda de vestígios e restos, fontes que os historiadores usam para contar histórias. Para elas isso é possível porque esses estudiosos partem fisicamente em busca de suas fontes históricas no passado. Suas idéias são influenciadas pela aulas de História, mas também por idéias oriundas de outros espaços sociais. As crianças representam o passado como um “momento estático”, tempo aprisionado num espaço distante onde restos e vestígios esperam um historiador que os resgate, traga-os para o presente e escreva a sua História.

Nestas idéias, identificamos elementos de diversas experiências vivenciadas pelas crianças principalmente através da mídia – televisão, cinema e games, mas também da escola, as aulas em que foram expostos os conceitos de tempo, fontes históricas, vestígios e períodos geológicos e pré-históricos.

Essas experiências, articuladas pelas crianças produzem um *mosaico conceitual* que avaliamos inicialmente como um exercício de imaginação (a) histórico que funde saberes da experiência cotidiana, da mídia e do conhecimento histórico escolar apresentado pela professora, compondo um instigante e complexo conjunto de representações.

Não propomos nesse estágio da pesquisa esgotar as análises ou categorizar o pensamento das crianças no processo de desenvolvimento da aprendizagem histórica. Nosso objetivo é identificar e analisar as idéias e representações destas crianças diante de “vestígios” do passado da sua comunidade. Promover a interação histórica das crianças com um bem cultural do patrimônio local, trabalhado como fonte histórica, favorecerá a articulação de suas representações com os conceitos históricos, ampliando as possibilidades de compreensão das temporalidades históricas? Quais as imagens e representações sobre o tempo, o passado e a história geradas a partir deste trabalho? Para nós, fica o desafio de procurar as possíveis respostas a estas e outras questões.⁶

¹ Regina Maria de Oliveira Ribeiro Lima, é aluna do mestrado em Educação na FE-USP, sob orientação da Professora Dra. Katia Maria Abud. Comunicação apresentada no Simpósio Formas e Significados do conhecimento em aulas de História. XXIII Simpósio Nacional de História realizado Londrina-PR, julho 2005.

² A pesquisa na área da cognição histórica desenvolve-se desde meados da década de 1960, principalmente na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá onde se destacam os trabalhos de Peter Lee e Roselyn Ashby. São igualmente importantes os estudos empreendidos em Portugal e Espanha desde a década de 1970, destacando-se os trabalhos de Isabel Barca e Olga Magalhães realizados nos anos de 1990. Nesta área, os pesquisadores iniciaram um estudo sistemático dos princípios e estratégias de aprendizagem histórica em crianças, jovens e adultos, tendo como pressupostos a natureza do conhecimento histórico e como pressuposto metodológico, a análise das idéias que estes sujeitos manifestam em e sobre a História.

³ O “patrimônio cultural”, terminologia que substitui “patrimônio histórico e artístico” é constituído de unidades designadas de “bens culturais tangíveis e intangíveis”. Pode ser dividido em três grandes categorias de elementos – o histórico-artístico, o natural-ecológico e o documental-científico.

⁴ Trabalhamos com o conceito de aprendizagem como processo de reconstrução pelo sujeito da cultura e do conhecimento. A aprendizagem histórica pode ser definida como o processo cognitivo de desenvolvimento de noções e conceitos históricos, habilidades e significações reconstruídas a partir do contato com o passado através do senso comum ou do conhecimento científico. Portanto, investigar a aprendizagem é compreender como os sujeitos se apropriam do conhecimento, reconstróem conceitos e os ressignificam com base em suas vivências, práticas sociais e idéias acerca do mundo em que vivem.

⁵ As pesquisas etnográficas têm nos trabalhos de Geertz (1989) a referência à cultura como um texto portador de significados que podem ser resgatados pela interpretação. O pesquisador encontra-se frente a diversas formas de interpretação da vida, de visões de mundo, de manifestações do senso comum, que os sujeitos atribuem a própria vivência e experiências. Segundo Geertz (1989), a etnografia promoveria uma “descrição densa”, em que o pesquisador se depara com essa multiplicidade de leituras e mais, com uma série de estruturas conceituais complexas, articuladas, sobrepostas, irregulares e fragmentadas. A primeira tarefa é apreender esse “universo” para compreendê-lo e depois apresentá-lo na forma de texto. Nesse sentido, não basta observar-descrever, mas procurar as relações entre os elementos deste mosaico e integrar as esferas individuais às coletivas/ sociais.

⁶ Referências bibliográficas: Abreu, M. e Soihet, R. Ensino de História, temáticas e metodologia. RJ: Casa da Palavra, 2003. Barca, I. O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica. Braga: CEEP/Universidade do Minho, 2000. Barca, I. (org) Educação Histórica e Museus. Braga: Universidade do Minho, 2003. Arantes, A. A. (org) Produzindo o passado. SP: Brasiliense, 1984. Moniot, H. Didactique de l'Histoire. Paris: Nathan Pedagogie, 1993. Paoli, M. C. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. SP: DPH, 1992. Schmidt, M. A. & Cainelli, M. Ensinar História. SP: Scipione, 2004. Vigotsky, L. S. O desenvolvimento de conceitos científicos na infância. In Pensamento e Linguagem. SP: Martins Fontes, 1998.